

## **A Construção Sonoro-narrativa do Jornalista Hebert Araújo em Reportagens Especiais da Rádio CBN João Pessoa<sup>1</sup>**

Luiz Custódio da SILVA<sup>2</sup>  
Pedro Henrique Gomes da PAZ<sup>3</sup>  
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

### **Resumo**

Este artigo analisa a construção sonoro-narrativa do jornalista Hebert Araújo, nas reportagens especiais “Marcada para lutar”, “Alicerce do futuro” e “Verdes de verdade”, premiadas no ano passado e veiculadas pela Rádio CBN, em João Pessoa. Inspira-se nas teorias da narratologia de Motta (2005) e do acontecimento de Sodré (2009) e nos conceitos de construção sonora da realidade de Balsebre (2004), Mateos (2003), Bonixe (2007) e Freire e Lopez (2011) para o estudo dos aspectos narrativos. A partir dos fundamentos de Gans (1980), Schimitz (2011), Lopez (2009) e Lage (2005), verifica-se, ainda, o conteúdo dos produtos jornalísticos do repórter, objeto desta investigação. Além desses suportes teóricos, entrevista com o profissional orientou, metodologicamente, a elaboração deste trabalho. Descrição, sons captados na realidade e uso de música instrumental são suas principais marcas.

### **Palavras-chave**

Rádio, Narrativa, Hebert Araújo, Reportagem Especial, Linguagem Radiofônica

### **1. Introdu o**

Este artigo tem o propósito de estudar a constru o sonoro-narrativa do jornalista Hebert Araújo, nas reportagens especiais “Marcada para lutar”, “Alicerce do futuro” e “Verdes de verdade”, premiadas no ano passado e veiculadas pela Rádio CBN, em João Pessoa. Este trabalho inspira-se na teoria da narratologia de Motta (2005), na teoria do acontecimento de Sodré (2009) e nos conceitos acerca da constru o sonora da realidade de Balsebre (2004), Mateos (2003), Bonixe (2007) e Freire e Lopez (2011) para o estudo dos aspectos narrativos. A partir dos fundamentos do radiojornalismo de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 04 – Comunica o Audiovisual do XIX Congresso de Ciências da Comunica o na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

<sup>2</sup> Docente do Mestrado Profissional do Programa de Pós-gradua o em Jornalismo da UFPB e Professor do Departamento de Comunica o Social da UEPB, e-mail: [custodiolcjp@uol.com.br](mailto:custodiolcjp@uol.com.br).

<sup>3</sup> Discente do Mestrado Profissional do Programa de Pós-gradua o em Jornalismo da UFPB, e-mail: [pedropaz.jn@gmail.com](mailto:pedropaz.jn@gmail.com).

Gans (1980), Schimitz (2011), Lopez (2009) e Lage (2005), verifica-se, ainda, o conteúdo dos produtos jornalísticos do repórter, objeto desta investigação. Além desses suportes teóricos, entrevista em profundidade com o profissional orientou, metodologicamente, a elaboração deste trabalho.

Originalmente, este artigo foi apresentado como trabalho final da disciplina de Laboratório de Análise e Linguagens dos Meios, do curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), orientada pelo professor doutor Luiz Custódio da Silva. Cursada no segundo semestre de 2016, proporcionou 15 encontros semanais, nos quais inúmeros debates e reflexões sobre as linguagens dos meios de comunicação de massa foram imprescindíveis para a elaboração deste trabalho. Desde o início, um dos objetivos da disciplina era pensar propostas criativas de profissionais do rádio brasileiro, sobretudo da região nordeste. Os resultados dessa experiência extrapolaram as expectativas do docente e dos sete discentes envolvidos. Além de artigos acadêmicos com este, em um futuro próximo, pretende-se editar livro com as principais pesquisas desenvolvidas nesta vivência científica, com o intuito de examinar o estilo dos repórteres que têm se destacado no cenário do radiojornalismo nordestino.

## **2. Percursos do Hebert Araújo**

O jornalista Hebert Araújo praticamente veio ao mundo em um estúdio de rádio. Com vocação genealógica para as ondas sonoras, devido ao fato de sua mãe e de um tio atuarem no meio, aos dez anos de idade já apresentava um programa infantil denominado “Clube do Guri”, que ia ao ar aos domingos, pela manhã, na Rádio Cultura de Guarabira, município onde nasceu, no interior paraibano, a 98 quilômetros de João Pessoa. Comandou a atração por quase dois anos. Hoje, aos quarenta e um, é graduado em Jornalismo, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), especialista em Jornalismo Cultural pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP) e está prestes a concluir o curso de Mestrado Profissional em Jornalismo, também pela UFPB. Durante a realização da graduação em Jornalismo, apresentou, por um ano e meio, um programa chamado “Música e Poesia do Brasil”, na Rádio Integração do Brejo, em Bananeiras, na Serra da Borborema, na região do Brejo paraibano, a 141 km de João Pessoa. Sua atuação como profissional formado começou em 2006, quando foi correspondente da TV Correio e da Rede Correio Sat de Rádio, em Guarabira. Depois de seis anos nessa

experiência, recebeu o convite da Rede Paraíba de Comunicação para trabalhar na Rádio CBN João Pessoa e na TV Cabo Branco. Na época, cinco anos atrás, a Rede Paraíba propôs uma operação para que a transferência valesse à pena financeiramente.

Desde então, Hebert Araújo tem se destacado como um dos jornalistas mais premiados do país. No ano passado, apareceu na lista dos dez mais laureados, do Ranking dos +Premiados Jornalistas do Ano, divulgado pelo site Mais Premiados. Dos quatro troféus que conquistou em 2016, três foram por trabalhos no rádio. Venceu o Anamatra de Direitos Humanos, realizado pela Associação Nacional dos Magistrados da Justiça do Trabalho, por conta do material “Marcada para lutar”, que retratou o surgimento das ligas camponesas no Nordeste, na década de 1960, durante as turbulências políticas e sociais pelas quais o Brasil passava. O repórter também ganhou o 13º Prêmio Abecip de Jornalismo, promovido pela Associação Brasileira das Entidades de Crédito Imobiliário e Poupança, com a reportagem especial ‘Alicerce do futuro’, que abordou uma parceria entre uma construtora e o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), a fim de oferecer cursos de inclusão digital dentro dos canteiros de obras. E foi congratulado pelo Prêmio Banco do Nordeste de Jornalismo em Desenvolvimento Regional, pelo produto “Verdes de verdade”, que contou a história de um produtor rural do município de Alagoa Nova que apostou nos orgânicos e na sustentabilidade. Essas e outras produções do repórter estão disponíveis para audição em seu perfil no site soundcloud.com.

### **3. A relevância de investigar narrativas**

No livro “Narratologia – Análise da narrativa jornalística”, publicado em 2005, o pesquisador Luiz Gonzaga Motta defende a ideia de que os seres humanos têm uma predisposição cultural primitiva e inata para organizar e para compreender a realidade de modo narrativo. Para ele, “[...] narrar é relatar eventos de interesse humano, enunciados em um suceder temporal encaminhado a um desfecho. [...] Narrar é, portanto, relatar processos de mudança, processos de alteração e de sucessão inter-relacionados.” (MOTTA, 2005, p.7). Segundo o autor, ao narrar, alguém está explorando, na sua imaginação, possíveis desenvolvimentos (reais ou ficcionais) das condutas e comportamentos humanos (atividade mimética). Narrar seria então uma atitude, pois quem narra quer produzir efeitos de sentido através da narração. Motta sustenta ainda que as narrativas obedecem a interesses do narrador (individual ou

institucional) e regem-se pelo contexto de sua produção; que são formas de relações que se estabelecem por causa da cultura, da convivência entre seres vivos com interesses, desejos e sob os constrangimentos e as condições sociais, de hierarquia e de poder.

A narratologia é a teoria da narrativa. Ela abarca também os métodos e os procedimentos empregados na análise das narrativas humanas. De acordo com Motta, a narratologia é um campo e um método de análise das práticas culturais. Ele atribui às narrativas uma posição de centralidade nas intersubjetivas relações humanas, capaz assim de dar conta da realidade física e cultural do ser humano. A narratologia que ele abraça parte do pressuposto que a organização dos discursos humanos em ciclos encadeados ocorre espontaneamente e é intuitivamente reconhecido pelos seres humanos. Para ele, a narração é um fato universal e transcultural comum a todas as culturas. As narrações produzem significados, proporcionam inteligibilidade à natureza humana e às relações humanas. No livro “Narrativas Midiáticas”, Motta (2012, p. 23) dá duas razões para se estudar as narrativas:

- 1) compreender quem somos, como construímos nossas autonarrações a respeito do nosso próprio ser no mundo; 2) entender como representamos e instituímos narrativamente o mundo; como os homens criam representações e apresentações simbólicas do mundo no qual atuam, e às quais cada vez mais retroagem.

Essa construção da realidade, fática ou fictícia, seria discursiva e produz efeitos consciente ou inconscientemente desejados. Na teoria da narratologia de Motta, os discursos sobre o mundo são práticas de construção do mundo. Ele cita a historiografia e o jornalismo como exemplo de narrativa objetiva, baseada no real. Para o pesquisador, não são os fatos que falam, é um narrador quem media entre a realidade e a audiência. Sodré (2009, p. 141), em suas notas para uma teoria do acontecimento, coloca que a prática jornalística comporta diferentes tipos de discursos e de gêneros, apesar de o discurso informativo, voltado para a construção e para a comunicação de acontecimentos, relativos a um estado de coisas no ordenamento social, ser dominante. Ele define discurso como o funcionamento da linguagem, o lugar da intersubjetividade ou de formação do laço social; discurso diz respeito, para ele, a enunciados, inseridos em um contexto, responsáveis pela comunicabilidade, ou seja, pela fala, pela ação concreta da linguagem, ação da história.

Sodré (2009, p. 143) defende, ainda, a observância do conceito de enunciação para dar conta da complexidade de relações entre os polos atuantes no discurso, ou seja, falante/ouvinte, escritor/leitor. Para ele, a enunciação dá margem à diversidade de interpretações segundo as diferentes circunstâncias de tempo, espaço e desses polos atuantes. Essa diversidade interpretativa diz respeito, segundo o teórico, ao valor de realidade do acontecimento, ou seja, ao seu potencial de descrição do real-histórico de uma ocorrência, seja esta um aspecto miúdo do cotidiano ou um fato de grandes proporções sociais. “É a direta vinculação com o real-histórico que dá margem para que o discurso possa ser pensado [...] como uma prática social [...] regida por convenções originadas das estruturas sociais.” (SODRÉ, 2009, p.142). Entendemos, portanto, as reportagens especiais a serem analisadas neste artigo como discursos enunciativos. Devido ao reconhecimento nacional e regional dessas produções do jornalista Hebert Araújo, julgamos importante investigar as condições, as marcas e os significados da construção sonoro-narrativa do repórter.

#### **4. O processo de construção sonora da realidade**

Mateos (2003) desenvolveu quadro teórico no qual estabelece a origem dos sons utilizados na comunicação radiofônica. Segundo o autor, os sons no rádio podem ser captados na realidade, tecnicados, música ou ruído. Os sons da realidade seriam os produzidos em situações, eventos ou por protagonistas e que adquirem um valor informativo e expressivo na mensagem radiofônica, a exemplo do som de um canteiro de obras, e os sons tecnicados aqueles que foram produzidos e criados pela técnica radiofônica, como os que sinalizam o início de um programa, de um noticiário ou a entrada de publicidade. Em uma comunicação radiofônica, existiriam ainda os sons que se resultam das músicas que o rádio emite e dos ruídos que, por regra, surgem de forma inadvertida, na medida em que não são produzidos intencionalmente.

Tendo em vista essas gêneses do recurso definidor da linguagem radiofônica, é preciso pontuar que o processo de construção sonora da realidade não se dá apenas por sons. Para Armand Balsebre (2004), o silêncio é igualmente importante, mas a sua utilização no meio radiofônico está longe de significar uma prática frequente ou intencional por parte do comunicador de rádio. É desse teórico espanhol uma das principais definições da linguagem radiofônica. Ele a delibera como um conjunto de formas sonoras e não sonoras representadas por sistemas expressivos da palavra, da

música, dos efeitos sonoros e do silêncio, cuja significação vem determinada pelo conjunto dos recursos técnico-expressivos da reprodução sonora e o conjunto de fatores que caracterizam o processo da percepção sonora e imaginativo-visual dos radioouvintes (Balsebre apud Kischinhevsky, 2014, p. 14).

Deixando um pouco de lado a questão do silêncio na narrativa radiofônica, Bonixe (2007) segue a linha teórica do Balsebre (2004), ao indicar que a linguagem radiofônica remete-nos para o universo da sonoridade, no qual a realidade é reconstruída com códigos sonoros próprios que resultam de um processo de manipulação técnica e que permitem ao ouvinte interpretar as mensagens formando imagens mentais. Os jornalistas de rádio têm, pois, um permanente desafio: contar a realidade utilizando apenas o som. Para isso, recorrem a um conjunto de elementos sonoros que lhes permitem reconstruir essa realidade e possibilitar aos seus ouvintes essa mesma reconstrução. Ainda segundo Bonixe (2007), o som no rádio assume múltiplas funções na relação comunicativa que estabelece com os receptores, na medida em que se constitui como o principal elemento expressivo. Sem a imagem ou a palavra escrita, a emissão radiofônica hertziana estabelece um vínculo comunicativo com os seus ouvintes a partir dos códigos e ícones da realidade que as diversas sonoridades constroem ao serem emitidas. É a partir desses sons que os ouvintes criam imagens mentais sobre aquilo que ouvem. Armand Balsebre (2004) concorda com essa ideia porque, para ele, uma das funções do som na rádio é a sua capacidade para reconstruir e descrever ambientes reais através da utilização de efeitos sonoros captados na realidade e que, quando utilizados em conjunto com a palavra, permitem criar uma redundância positiva que ajuda o ouvinte a assimilar a mensagem.

Com relação aos efeitos sonoros e às trilhas, na teoria do Balsebre (2004), há quatro categorias ou funções fundamentais na linguagem radiofônica. Freire e Lopez (2011) explicam que a primeira seria a ambiental ou descritiva, que tenta criar uma representação literal do cenário, com sons do ambiente e áudios que busquem redesenhar o palco dos acontecimentos de maneira fidedigna. Na função expressiva, a estratégia é utilizar o som como metáfora, através de relações e remissões que acionam a memória imediata ou a longo prazo do ouvinte, para informar, aproximar e contextualizar o fato noticiado. A terceira função da teoria do Balsebre é a narrativa, que não tem necessariamente um vínculo direto com a informação, mas cumpre o papel de conector, de elemento de encadeamento e de atribuição de ritmo à produção radiojornalística. Nesse caso, os efeitos e/ou trilhas, embora informativamente

dispensáveis, agem como elemento de coesão na argumentação sonora. A quarta função, ornamental, aparece como uma ilustração na produção, sem cumprir um papel informativo ou coesivo. Conforme Freire e Lopez (2011), este é o único dos casos em que o som poderia ser substituído por outro sem haver prejuízo para a compreensão da informação transmitida. Trata-se de uma opção estética não informativa, que pretende imprimir leveza ao conteúdo, mas não dialoga com ele. Independente de qual função cumpra o som na produção jornalística em rádio, concluem, sua presença no dial interfere de alguma maneira no resultado final.

## 5. A dinâmica criativa do Hebert Araújo

A produção de uma reportagem, sobretudo de uma reportagem especial, requer uma série de técnicas. Elaboração de pauta, pesquisa, identificação de fontes, entrevista, escritura do texto, edição e divulgação são algumas delas. Na confecção do texto propriamente dito, uma das principais características do texto jornalístico é o *lead*. De acordo com Lage (2005), corresponde à primeira proposição de uma notícia radiofônica. E de uma reportagem especial no rádio? Sabe-se que nesse gênero há mais liberdade. De todo modo, assim como estabelece diversos procedimentos a serem seguidos na produção de uma reportagem, diversos manuais de jornalismo elencam muitos tipos de *lead*, que servem para abrir tanto uma notícia quanto uma reportagem. Qual escolher? No processo de construção da narrativa do Hebert Araújo, a história a ser contada determina os recursos que são utilizados:

“Cada história traz consigo uma sugestão de construção, que a gente pode obedecer ou não. Em geral, a história se impõe e nos ajuda nessa construção. Fora do jornalismo mais objetivo do cotidiano, o *lead* não é tão utilizado, por exemplo. No rádio, podemos trazer elementos sonoros antes dos textuais e eles já começam a fornecer informações ao ouvinte. Certa vez, na abertura de uma reportagem intitulada” História de flor”, o *lead* foi construído através da música e do canto de uma violeira. Apenas identificamos isso e utilizamos o recurso.”  
(ENTREVISTA HEBERT ARAÚJO, 2017)

O *lead* ao qual o jornalista se refere é este: “DIA DOZE DE AGOSTO FOI UM DIA DIFERENTE.// UM ASPECTO DE TRISTEZA, SÓ FRIO EM VEZ DE

QUENTE.// ERA DEUS DANDO UM SINAL DA MORTE DE UM INOCENTE.// DE CINCO PRAS SEIS DA TARDE NA SUA CASA MODESTA.// OUVIU CHAMÁ-LA NA PORTA.// ELA É EDUCADA E HONESTA.// FOI ATENDER O BANDIDO.// LHE DEU UM TIRO NA FESTA.//”. Com relação às fontes de notícias, Herbert Gans (1980) as define como as pessoas que os jornalistas observam ou entrevistam e quem fornece informações ou sugestões de pauta, enquanto membros ou representantes de um ou mais grupos (organizados ou não) de utilidade pública ou de outros setores da sociedade (SCHMITZ, 2011, p. 9). Para desenvolver um enunciado com substância e que ainda seja atrativo comercialmente, Hebert afirma que é necessário ser um bom observador de pessoas e ter repertório cultural sólido. Os trabalhos da concorrência também são acompanhados. Ele não problematiza a pluralidade das fontes nem a problemática que envolve o discurso pronto de fontes oficiais:

“A gente sempre acha que tudo já foi inventado, mas sempre tem um jeito de dar uma cara diferente para as coisas. Não fico procurando reportagens premiadas para me inspirar, mas a gente olha tudo que está sendo feito para perceber tendências. Além de ter conhecimento, cultura geral e estar atento ao que está ocorrendo na sua aldeia e no resto de mundo, é preciso, sobretudo, estar atento às pessoas e às suas histórias. Sem elas, uma reportagem é um formulário. O fato de estarmos na rua nos faz encontrá-los. Mas não é raro que apareçam por acaso. (ENTREVISTA HEBERT ARAÚJO, 2017)

A questão do tempo é uma adversidade no cotidiano do repórter, assim bem como no de qualquer jornalista que atue, hoje, em uma empresa jornalística. A cada dia que se passa, as redações são mais enxutas, as tarefas se acumulam. Com salários baixos no mercado, muitas vezes um profissional precisa ter dois, três empregos para manter o padrão de consumo que deseja. Há alguns anos, Hebert Araújo se divide entre a Rádio CBN João Pessoa e a TV Cabo Branco, filiada da Rede Globo na capital paraibana. Para produzir além do factual, é necessário mobilizar e sensibilizar toda a equipe:

“Quando a gente tem uma história legal para contar, a equipe se rende. Quanto ao tempo, a gente se aperta e arruma. Na Paraíba, a TV Cabo Branco é quem paga os melhores salários.” (ENTREVISTA HEBERT ARAÚJO, 2017)

A produção das matérias e a edição de áudio são fundamentais para a construção de uma reportagem sonora, ainda mais a de uma reportagem especial, que, às vezes, chega a oito, dez minutos de duração. No caso do Hebert, a ajuda desses colegas se torna mais importante pois o repórter divide sua rotina entre o rádio e a TV, assim como foi evidenciado anteriormente:

“Costumo interferir em todas as etapas do processo, assim como gosto que produção e edição de áudio sugiram e interajam comigo e entre si. Essa tempestade de ideias é que faz com que a gente consiga tirar o melhor de cada história. Quanto à adequação, poucas reportagens têm restrição definida. Sempre há uma boa forma de contar uma história, seja no rádio ou na TV.” (ENTREVISTA HEBERT ARAÚJO, 2017)

No contemporâneo, estar atento às mudanças do jornalismo é imprescindível. Mas as mudanças não estão restritas à abordagem tecnológica. Não basta utilizar as ferramentas corretas e atualizá-las. Não basta conhecer e integrar-se às mesmas redes e tecnologias com as quais dialoga o nativo digital. É preciso compreender de que maneira o conteúdo de uma emissora de rádio – esteja ela em antena ou na Internet – age sobre seu cotidiano, fala à sua vida e interessa, cativa pela estética, pela plástica (LOPEZ, 2009, p. 143). Quanto ao rádio, o repórter não é pessimista:

“Vivemos momentos de transformação e de adaptação em qualquer lugar do mundo. A lógica das redes sociais interfere nos modelos convencionais do jornalismo. No Brasil, como em alguns lugares do mundo, vivemos um momento delicado, onde a atividade jornalística é acossada por atitudes autoritárias de governos, da justiça e até de autoridades investigadas. O rádio é um sobrevivente. Ele já mostrou que pode se misturar e infiltrar em várias plataformas. Seja por ondas, por código binário ou por outros meios ainda não utilizados, acredito que ele sempre conseguirá se manter relevante.” (ENTREVISTA HEBERT ARAÚJO, 2017)

## 6. Uma análise possível de três reportagens especiais do Hebert Araújo

### 6.1 “Marcada para lutar”

A reportagem especial “Marcada para lutar” retrata o surgimento das ligas camponesas no Nordeste, na década de 1960. Dividida em duas partes e veiculada em maio de 2015, ganhou o Prêmio Anamatra de Direitos Humanos. Foi produzida pelas jornalistas Adriana Costa e Andrezza Carla e conta com a edição de áudio de Jonathan Dias. O gancho da pauta foi a comemoração dos 90 anos da ativista Elizabeth Teixeira, que ficou famosa devido ao documentário do cineasta Eduardo Coutinho (1933-.2014):

“Esta reportagem é uma obrigação moral. Jornalismo de memória. Uma memória que precisa estar acesa para que ninguém pense que o mundo, suas contradições e crueldades foram inventados depois da Internet. Os personagens para a matéria não foram escolhidos, se impuseram, como Elisabeth, ou foram os que estavam disponíveis, como a filha dela. Outros não quiseram ser entrevistados.”  
(ENTREVISTA HEBERT ARAÚJO, 2017)

Recursos sonoros captados na realidade, tecnificados pela edição de áudio e, principalmente, música, de acordo com as categorias de Mateos (2003), são utilizados nesta reportagem. Há também bastante intertextualidade na linguagem empregada, visto que algumas entrevistas foram retiradas de um documentário. Não há momentos de silêncio, embora Balsebre (2004) frise a importância desse artifício. Consideramos que esse recurso poderia ter sido explorado, devido à carga dramática presente em alguns depoimentos. Com relação aos tipos de efeitos sonoros e trilha musical de Balsebre (2004), julgamos que os recursos deste material contemplam a descrição do ambiente, a expressividade das personagens e, principalmente, a narrativa da história contada, a partir de trilha instrumental erudita e regional. Não há ornamentos.

Das suas últimas reportagens especiais lançadas, esta, sem dúvida, se destaca devido ao caráter político, acima de tudo porque trata de temas urgentes da contemporaneidade, como racismo e trabalho escravo. Assuntos como esses, geralmente, só têm espaço em materiais especiais. Ficam evidentes, neste caso,

portanto, potência e sensibilidade narrativa do repórter. A pesquisa jornalística foi imprescindível nesse processo:

“Acho que todos os assuntos são tratados, no cotidiano, em abordagens menos profundas e mais ligadas ao factual. É nas especiais que conseguimos mais profundidade. É como uma fotografia. Os elementos na nossa frente podem ser os mesmos. Mas cada fotógrafo vai procurar sua luz, sua composição, seu enquadramento. São pequenos luxos que as reportagens especiais permitem. Há uma possibilidade maior de imersão. A objetividade permanece naquilo que é dado e fato histórico, mas a construção textual e os relatos estão mais próximos do que seria, não digo subjetividade, mas uma objetividade interpretada.” (ENTREVISTA HEBERT ARAÚJO, 2017)

## 6.2 “Alicerce do futuro”

Vencedora do prêmio Abecip de Jornalismo, foi produzida pela jornalista Andrezza Carla e teve edição de áudio de Jonathan Dias. Esta reportagem foi ao ar em setembro de 2016 e aborda parceria entre uma construtora e o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), a fim de oferecer cursos de inclusão digital dentro dos canteiros de obras. O Senai é um serviço mantido pelo setor industrial, para gerar mão de obra especializada para própria indústria. Esta produção se destaca porque apresentou um recurso incomum. As personagens são referenciadas por uma voz diferente da do repórter:

“A voz que diz o nome das personagens é da Andrezza, produtora da reportagem. Esse recurso em vi pela primeira vez em uma reportagem de Marta Amor Olaya, da Colômbia. Achei bacana, pois elimina a identificação do personagem no off.” (ENTREVISTA HEBERT ARAÚJO, 2017)

Na escolha dos entrevistados, o jornalista optou por pessoas comuns. Ainda assim, utilizou fontes oficiais. Na construção sonoro-narrativa, privilegiou recursos auditivos captados na realidade, uma das origens de um som no rádio, segundo Mateos

(2003), como o som do canteiro de obras. Por sinal, observamos que esse parece ser um estilo seu. Das três reportagens especiais analisadas neste artigo, Hebert optou por começar duas delas com sons captados na realidade. O uso do lide descritivo e a estratégia de fazer perguntas retóricas também parecem ser suas marcas. Neste produto radiofônico, também não há momentos de silêncio, defendidos pelo teórico Balsebre (2004). Nesta reportagem especial, entendemos que não eram tão necessários, por conta da inexistência de declarações comoventes ou hesitantes. No que se refere aos efeitos sonoros e trilha musical, conforme os postulados de Balsebre (2004), a descrição do ambiente e a conexão entre as partes da narrativa são privilegiadas. O repórter consegue dar ritmo ao relato e constrói antíteses a partir da diferença do som do canteiro de obras com o som da digitação de um teclado de computador. Interpretamos que o objetivo dessa tática foi fundamentar o argumento do seu texto, que é, em nosso ponto de vista, mostrar as vantagens na evolução do trabalho braçal para o trabalho moderno, esse representado pela figura do computador:

“Esta reportagem mostra que existe sempre um jeito de avançar, independente da fase da vida. Se temos oportunidade e persistência, avançamos. Alguns personagens foram indicados pelo chefe da construtora, outros identificamos no local. É sempre preciso verificar se essa ou aquela iniciativa tem relevância social, cultural e jornalística.” (ENTREVISTA HEBERT ARAÚJO, 2017)

### 6.3 “Verdes de Verdade”

Produzida pela jornalista Andrezza Carla e com edição de áudio de Jonathan Dias, é, segundo o Hebert, uma amostra de como o esforço, a oportunidade e o conhecimento podem gerar resultados interessantes. Veiculada em outubro de 2015, venceu o Prêmio Banco do Nordeste de Jornalismo em Desenvolvimento Regional. O material conta a história de um produtor rural de Alagoa Nova que, com menos de um hectare, apostou nos orgânicos e na sustentabilidade. Hoje, os negócios cresceram e o trabalhador faz sucesso ao fornecer hortaliças para hotéis, redes de supermercados e restaurantes de três estados no Nordeste. A pauta surgiu de uma conversa do repórter com colega que prestou serviços ao Senai da Paraíba. No diálogo, ela contou um pouco

da história do agricultor Francinildo Pimentel, que havia começado a cultivar produtos orgânicos em um hectare de terra cedido pelo sogro e conseguiu, junto com um sócio, transformar seu empreendimento em um grande sucesso de vendas.

Nesta reportagem especial, assim como em “Alicerce do futuro”, Hebert escolhe dar início à sua construção sonoro-narrativa a partir de sons captados na realidade, conforme categoria do Mateos (2003), mais precisamente sons de talheres, em um restaurante em pleno funcionamento. Os efeitos sonoros dessa opção do repórter corroboram com uma das quatro funções fundamentais da linguagem radiofônica de Balsebre (2004), a ambiental/descritiva, aqui já explicada, que tenta criar uma representação literal do cenário. As trilhas sonoras deste produto jornalístico demonstram, mais uma vez, a predileção do jornalista por músicas características da ambientação na qual ocorrem os fatos:

“As composições que escolhi como trilha para as partes da reportagem que retratavam o meio rural são do Maestro Potiguar Cussy de Almeida, interpretadas pela Orquestra Armorial de Câmara do Conservatório Pernambucano de Música.” (ENTREVISTA HEBERT ARAÚJO, 2017)

## 7. Considerações Finais

Se os discursos sobre o mundo são práticas de construção do mundo, de acordo com Motta (2012), e os enunciados, inseridos em um contexto, são responsáveis pela comunicabilidade, segundo Sodré (2009), a construção sonoro-narrativa do jornalista Hebert Araújo nas reportagens especiais “Marcada para lutar”, “Alicerce do futuro” e “Verdes de verdade”, analisadas neste artigo, estão conectadas com o real-histórico contemporâneo e revelam históricas esperanças, provavelmente por que a realidade insiste em ser, quase sempre, desumana e impiedosa. Neste artigo, verificamos como as histórias contadas pelo repórter determinam os recursos sonoro-narrativos que ele utiliza para construí-las, seja pela escolha do *lead* ou das fontes a serem consultadas. Identificamos a predominância de *leads* descritivos, com sons captados na realidade ou com música (nas reportagens pesquisadas, regional e instrumental), duas das quatro origens de um som no rádio, segundo Mateos (2003). Não há momentos de silêncio,

embora Balsebre (2004) pontue a importância desse artifício. Com relação às categorias sobre efeitos sonoros e trilha musical de Balsebre (2004), julgamos que os recursos auditivos destas três produções contemplam, quando conveniente, a descrição do ambiente, a expressividade das personagens e a narrativa das histórias, sobretudo a partir de trilha relacionada à ambientação delas. Não há ornamentos.

Apuramos que, para produzir além do factual, o jornalista precisa mobilizar e sensibilizar sua pequena equipe. No cotidiano, o trabalho é acumulado, não há muito tempo para a elaboração de reportagens especiais. Hebert problematiza pouco a pluralidade das fontes e a problemática que envolve o discurso pronto de fontes oficiais. Além disso, identificamos, na sua narrativa, o uso da retórica e de figuras de linguagem como intertextualidade, a partir da inserção de entrevistas de documentário, e de antítese, por meio de sons com conotações opostas, como o som do canteiro de obras e o som da digitação de um teclado de computador, opondo trabalho braçal e trabalho moderno. Esta análise não termina por aqui. Nos próximos trabalhos, pretendemos realizar estudo com um escopo maior de reportagens especiais assinadas pelo Hebert Araújo, a fim de explorar, com mais precisão, suas marcas estilísticas e as recorrências no uso de recursos sonoro-narrativos. Do mesmo modo, temos interesse em elaborar quadro com categorização dos conteúdos, investigar o caráter político de suas pautas.

## 8. Referências Bibliográficas

BALSEBRE, Armand (2004). **El Lenguaje Radiofónico**. 4ªed. Madrid: Cátedra, 2004.

BONIXE, Luis R. **A Construção Sonora da Realidade: uma Análise à Cobertura Radiofônica da Campanha para o Referendo ao Aborto**. Observatório Journal, nº2, 2007.

FREIRE, Marcelo, LOPEZ, Debora Cristina. **Linguagem radiofônica e jornalismo: um estudo das estratégias estéticas das séries de reportagens da Rádio Eldorado**. Revista Mediações sonoras. Vol.18, Nº 02, 2º semestre 2011.

KISCHINHEVSKY, Marcelo, MODESTO, Cláudia Figueiredo. **Interações e mediações, instâncias de apreensão da comunicação radiofônica**. Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação, v. 2, p. 12-20, 2014.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica**. 5.ed. Record: Rio de Janeiro, 2005.

LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo hipermediático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. Tese doutoral. Universidade Federal da Bahia, 2009.

---

MATEOS, Vicente Sainz de Medrano. **La Rádio: Voz, Sonido e Información**. Madrid: Universidad Ant3nio de Nebrij, 2003.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Narratologia: an3lise da narrativa jornalística**. Bras3lia: Casa das Musas, 2004.

MOTA, C3lia Ladeira; MOTTA, Luiz Gonzaga; CUNHA, Maria Jandyra. **Narrativas midi3ticas**. Florian3polis (SC): Insular, 2012.

PAZ, Pedro H. G. **Entrevista concedida a Pedro Henrique Gomes da Paz**. Recife, 9 fev. 2017.

SCHMITZ, Aldo. **Fontes de Not3cias: A33es estrat3gicas das fontes no jornalismo**. Florian3polis-CS: Combook, 2011.

SODR3, Muniz. **A narra33o do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petr3polis: Vozes, 2009.